

BRUCE PEREIRA LOBO

CONTEMPL(AÇÃO)|CONTEMP(LAR)
UMA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA
EM VIDEOARTE

BRASÍLIA, DF

2014

BRUCE PEREIRA LOBO

CONTEMPL(AÇÃO)|CONTEMP(LAR)
UMA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA EM VIDEOARTE

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Denise Conceição Ferraz de Camargo

BRASÍLIA, DF

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre me abençoar. A minha família, por acreditarem no meu esforço e na minha dedicação em pesquisas e estudos. Sobretudo, agradeço ao meu pai, pelos bons conselhos e, principalmente, por me apoiar nesse trabalho, acompanhando-me na filmagem da rodoviária do Plano Piloto de madrugada.

A minha orientadora Denise Camargo, pela orientação e incentivo para a realização desse trabalho. A minha chefe e professora Suzete Venturelli, por sempre me motivar com sua energia; e a todos meus amigos.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 - EM BUSCA DE UM OLHAR DISTINTO.....	6
2 - VIDEOARTE.....	9
2.1 - UMA LINGUAGEM DE POSSIBILIDADES.....	9
2.2 - A PERCEPÇÃO DO VIDEOARTE.....	10
3 - PAISAGEM.....	12
3.1 - A CRIAÇÃO DA PAISAGEM NA SOCIEDADE.....	12
3.2 - A PAISAGEM NA PERSPECTIVA DO OLHAR.....	14
3.3 - A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA.....	15
4 - PROCESSO DE CRIAÇÃO.....	18
4.1 - PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS VISUAIS EM ATELIÊ.....	18
4.2 - REFERÊNCIAS DE ARTISTAS.....	30
4.3 - A REALIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA POÉTICA.....	34
CONCLUSÃO - UMA PROPOSTA EM ASCENDÊNCIA.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SITES CONSULTADOS.....	38

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1.....	19
Imagem 2.....	19
Imagem 3.....	20
Imagem 4.....	20
Imagem 5.....	21
Imagem 6.....	21
Imagem 7.....	21
Imagem 8.....	21
Imagem 9.....	21
Imagem 10.....	22
Imagem 11.....	22
Imagem 12.....	22
Imagem 13.....	22
Imagem 14.....	24
Imagem 15.....	24
Imagem 16.....	24
Imagem 17.....	24
Imagem 18.....	24
Imagem 19.....	28
Imagem 20.....	28
Imagem 21.....	28
Imagem 22.....	29
Imagem 23.....	30
Imagem 24.....	31
Imagem 25.....	31
Imagem 26.....	31
Imagem 27.....	32
Imagem 28.....	33
Imagem 29.....	34
Imagem 30.....	34
Imagem 31.....	35
Imagem 32.....	35

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma pesquisa que tomou forma a partir de experiências feitas nas disciplinas de Ateliê 1 e 2. Envolvi-me com a linguagem do videoarte como forma de expressar a minha idealização na maneira de olhar para a paisagem, um processo que veio do desenho, como um registro estático que agora recebeu outra expressão e mais sentimento. Meu foco era retratar a paisagem cotidiana, evidenciando as características da natureza imersa ao meio urbano, para provocar um olhar mais atento à paisagem tradicional não mais percebida. Por meio do videoarte, proponho como uma experiência perceptiva e sensitiva, um olhar distinto e não convencional para a paisagem.

A princípio, no primeiro capítulo, falarei dessa minha vontade de me envolver com as possibilidades do registro da paisagem como um resgate da memória da minha infância, tomando uma forma sólida e estimulada.

No segundo capítulo, abordarei as características do videoarte que me motivaram a utilizar dessa linguagem que traz muitas possibilidades para uma criação sedenta de uma experiência perceptiva.

No terceiro capítulo, abordarei alguns pontos sobre a criação da paisagem na sociedade, a posição do estado da percepção da paisagem cotidiana e as suas características relevantes. Além disso, dialogarei sobre a forma de contemplar essa paisagem cotidiana, evidenciando-a.

No quarto e último capítulo, apresentarei todo o percurso reflexivo e o processo criativo para a realização de trabalhos relacionados à paisagem cotidiana e uma poética íntima e construtiva para um videoarte e mais possibilidades.

Todo esse percurso que apresento, é uma perspectiva reflexiva em uma ideia e a realização da construção de um trabalho que iniciou desde um primeiro desenho e foi envolvido pela possibilidade de uso e extensão do vídeo. Saber que a paisagem, seja essa tradicional representação da natureza ou do meio urbano, pode gerar um distinto olhar com um desvio mais atento, me motiva a continuar com esse envolvimento particular e a compartilhar dessa visão que não pertence somente a mim, mas a todos.

1 - EM BUSCA DE UM OLHAR DISTINTO

Experimental, olhar e sentir o meio em que convivo, sempre esteve presente em minha vida. Buscar o que há além do que podemos ver, sentir e não delimitar o olhar no espaço, me fez querer investigar e procurar entender mais profundamente o meu lugar, no lugar. Perceber e ser percebido nesse lugar (meio ambiente) me trouxe muitas lembranças de quando eu era criança. Lembro-me de que meus pais sempre levavam eu e minhas irmãs para o campo, para chácaras, onde havia muitas árvores, rios, cachoeiras e animais. Era o tipo de passeio que eu sempre adorava, e queria sempre voltar àquele lugar. Sentia que havia alguma conexão entre mim e a natureza, aquele espaço do qual eu não habitava permanentemente, nem ficava por muito mais tempo. Sentia que este me pertencia e queria aquele lugar não só na minha memória, mas ao meu redor a todo momento. Me fazia muito bem, observar e sentir a natureza. Percebia a existência da sua pureza e a sua autonomia diante do mundo o qual eu estava inserido, a cidade.

O meio urbano, a cidade, sempre foi para mim, o lugar cheio, o lugar poluído, no sentido duplo, de sujeira e de acúmulo de informações; repleto de pessoas, que agem rápido, e não percebem o seu lugar de convívio como deveriam. Foi por isso que me senti mais motivado a perceber o espaço que resido. Recordo-me que nos passeios engajados pelo meu pai, onde acompanhávamos ele, enquanto ele tirava fotos, eu e minhas irmãs, alegremente, procurávamos flores e pequenos animais para ele registrar. Juntos, Contemplávamos e dávamos grande importância a esse meio no qual estávamos inseridos momentaneamente.

Quando tive a oportunidade de retratar a paisagem através de desenhos, pinturas e fotografias, fui questionado por um professor admirado pela minha paixão à natureza, com a seguinte pergunta: Qual é a sua paisagem cotidiana? E eu respondi que era a cidade. Desde então, venho procurando retratar o que de resquício ainda há dessa paisagem natural, dessa motivação que remete a mim, meus passeios na infância, como se eu fizesse uma seleção ou um recorte dessa natureza imersa no meio urbano, me trazendo alegria e boas lembranças.

Hoje percebo que a paisagem é muito mais além da conhecida tradicionalmente nas pinturas antigas na história da arte. Percebo que meu olhar deve ter a mesma sensibilidade dada quando me dedico a contemplar e sentir o meio natural da paisagem. Olhar para o meio, para qualquer meio, exige sensibilidade, reflexão, crítica e dedicação. Não se pode fazer discriminação, pode até haver distinções, mas a dedicação no observar, deve ser a mesma ou superior a cada percepção admitida.

Durante muito tempo, achava que meu olhar era distraído, mas percebi que me dedicava muito mais a olhar o espaço presente, a perceber o que as pessoas não veem, por estarem sempre apressadas, e anestesiadas visualmente, para perceber algo de diferente. É muito comum, nesse século, as pessoas não ficarem mais sentadas na calçada, conversando e olhando para o horizonte, mas olhando para a tela de uma TV, celular ou computador de maneira excessiva. As distrações são outras, a ponto das pessoas não enxergarem algo de diferente a um palmo de distância, se alguém atento não for apontá-las.

Não digo que sou contra e alheio a toda essa revolução tecnológica, mas questiono até que ponto o comportamento do homem vai suportar esse desvio (bloqueio) que leva a cegueira e a distração da visão do meio em que habitamos e do qual necessitamos. Esse meio depende de nós e só poderemos conservar, preservar e frutificar (dar continuidade) se valorizarmos com a nossa própria experiência do sentir e perceber.

Um dos problemas da sociedade é não conhecer por não experimentar e, na maioria das vezes, só se aprende experimentado, e dessa forma ele obterá suas próprias conclusões.

Venho pesquisando as várias possibilidades de trazer esses questionamentos do ver/perceber a paisagem, e proponho a minha paisagem, essa que conheço, que faz e vem fazendo parte do meu cotidiano atual. Encontrar motivos para perceber a paisagem é o que motiva a todos a verem algo no meio. Mas perceber algo que não seja motivado é algo difícil. Dessa forma, a atitude de perceber se tornaria uma investigação e uma supervalorização daquele meio. Isso provavelmente será um desafio, pois não quero ser sensacionalista a ponto de encontrar algo obviamente notável, mas algo simples e espontâneo que seja visto por todos. O olhar e a percepção nunca são exatos para todos, isso já é um bom começo, mas precisam ser incentivados e direcionados para determinados objetivos desejados.

O meu objetivo é encontrar no meio cotidiano, meu e de muitas pessoas as quais

eu convivo passageiramente no ônibus, no trem, na calçada, motivações para perceberem o seu lugar de passagem, de convívio comum a todos. Perceber que esse lugar tem uma concreta presença e importância, não só pela presença do homem, mas também, pela sua força presencial e a sua autonomia existencial, fará com que possamos olhar melhor essa paisagem rotineira e despercebida.

Minha pesquisa começou com práticas de desenhos de paisagens, que consistiam em representar o meu olhar para determinado lugar, como um registro da minha visão. Representar a paisagem sempre foi uma satisfação para mim, e chegava um momento que eu queria compartilhar dessa satisfação, ao menos, desse meu olhar. Queria que as pessoas pudessem desfrutar daquele momento, daquela imagem da qual eu me apossava e para a qual dava um distinto valor pessoal. A contemplação é algo pessoal, perceber algo, e refletir diante de uma imagem é o que motiva o artista a tratar várias questões por meio de sua obra. É um momento único, onde se pode trabalhar muitas possibilidades, sabendo disso, quero atentar esse olhar para a paisagem, para esse meio que compartilho como um cotidiano comum e distinto ao mesmo tempo, por causar reflexão e concentração num ponto exato.

Portanto, o ato de contemplar¹ que falo não é o de admirar somente, mas de uma contemplação participativa, em que o observador se sinta acolhido e tocado a perceber e a refletir diante de determinados lugares. Esse ato de contemplar, deve ser como uma atitude de perceber para refletir e assim poder ver além do apreciar, é estar envolvido com o motivo.

1 Significado de Contemplar:

1 - Olhar muito tempo e com atenção.

2 - Dar a; doar a; fazer mercê a.

3 - Meditar em, considerar.

4 - Meditar profundamente.

5 - Mirar-se; olhar para si.

(Dicionário do Aurélio, 2014)

2 - VIDEOARTE

2.1 - UMA LINGUAGEM DE POSSIBILIDADES

Uma das características do videoarte em sua natureza tecnológica é a sua baixa definição, em que é operado com pequena quantidade de número de pontos de informação, numa malha de retículas que possibilita poucas articulações significantes. Não quer dizer que seja uma limitação, mas uma forma ou condição para se explorar uma estilização e abstração da linguagem do vídeo. Em contrapartida, essa baixa definição é taxada ingenuamente de pobreza informativa, ao fato do contexto cultural desacreditá-la. A alta definição pode ser confundida como uma forma de liberdade, depois de muitos séculos de ditadura da imagem figurativa, a imagem com grande capacidade mimética e fotográfica recebe maior espaço. Arlindo Machado diz o seguinte:

Em outras palavras, para a nossa visão embevecida de ilusão especular, a alta definição é considerada aquela que permite copiar mais fielmente a “realidade” visível, ao passo que a baixa definição seria aquela que estiliza a aparência exterior das coisas e abstrai o motivo através de esquemas ou diagramas. Cada vez mais toma corpo entre os profissionais da imagem técnica o preconceito de que “o maior inconveniente da imagem eletrônica atual está na sua precária definição, mais precisamente no seu sistema de varredura de 525 ou 625 linhas por quadro e na rede de alimentação de cinquenta ou sessenta períodos, que não estão em alguns anos para cá se busca em remédio para a péssima qualidade do vídeo” (Machado *apud* Bernardo, 1983: 15). O remédio já existe e se chama televisão de alta definição (HDTV), mas antes de aplicá-lo indiscriminadamente é preciso conhecer a natureza da “doença” que se quer erradicar. (Machado, 1990, p. 59)

Arlindo diz que a baixa definição possibilita a estilização da imagem, apesar de admitir a força submetida pela alta definição. O que acho importante no videoarte é a sua disposição e a sua forma de transmissão para distintas objeções. A percepção do motivo torna a imagem importante, seja qual for a qualidade. A baixa definição que Arlindo suscita demonstra apresentar muitas possibilidades, o que pode acontecer também utilizando a alta definição, explorando-se as possibilidades que transponham os limites do que é comum no uso dessa linguagem na mídia.

2.2 - A PERCEPÇÃO DO VIDEOARTE

Uma “boa” percepção das formas se acha vinculada a uma lei fundamental a *lei da pregnância*², que estabelece melhores condições de definição. Essa definição está vinculada à ideia de regularidade, simetria, simplicidade e familiaridade. Ou seja, aquela que torna melhor nosso entendimento do motivo.

Quando se trata de sistemas figurativos, como é o caso da fotografia, do cinema e do vídeo, a forma prenante consiste evidentemente na figura, ou seja, na referência a seres e coisas familiares do mundo conhecível. Mas quando se depara com modelos de alta definição, onde a informação se encontra saturada em nível máximo, impõem a forma prenante com mais ênfase do que aqueles em que os recursos de anotação da imagem são ínfimos, como é o caso dos modelos de baixa definição.

Neste caso, como a organização é precária, a inteligibilidade do sistema vai depender da intervenção de um agente observador que realiza, ele próprio, o trabalho de preenchimento das lacunas e de finalização da configuração plástica. Por isso, haverá muito mais envolvimento e participação do espectador com o motivo. Quando as crianças começam a ver imagens familiares nas formas das nuvens, elas estão participando de um processo de formação simbólica em que a precariedade do sistema estimula o trabalho do agente perceptivo para fazer emergir a forma prenante. O espectador que dedica duas horas de sua atenção na tela do cinema demonstra muito mais recepção ativa que o espectador de televisão, isso porque em casa não há total dedicação exclusiva à tela, pois há com frequência, distrações com atividades diversas e conversas paralelas. E isso acontece com outros aparelhos, em outros casos (estações rodoviárias, aeroportos etc.), onde as pessoas estão fazendo outras atividades enquanto os aparelhos emitem programações, e isso seria impossível no contexto da sala de cinema, onde a pessoa precisa estar em perfeita atenção com a tela. A verdade é que a imagem de vídeo, pequena, estilhaçada, sem profundidade, pouco “realista” e de efeito ilusionista extremamente precário, não pode fascinar o espectador a ponto de fazê-lo perder sua atenção sobre suas próprias sensações; pelo contrário, precariedade dos meios fará com que sirva de distanciamento crítico e de estímulo para a intervenção no universo

² De acordo com a psicologia da *Gestalt*, o todo é diferente da soma de suas partes. Com base nesta crença, psicólogos da *Gestalt* desenvolveram um conjunto de princípios para explicar a organização perceptiva, ou a forma como a mente agrupa pequenos objetos para formar outros maiores. Estes princípios são muitas vezes referidos como as "*leis da organização perceptiva*" (Linguagem Visual, 2013).

simbólico (MACHADO, 1990, p.59-61).

O videoarte é uma linguagem que abre espaços para várias possibilidades, e pode trazer um universo amplo, tanto para a construção do processo criativo do artista, quanto para a fruição do espectador/participante da obra. Esta sobressai o produto convencional produzido pela mídia, o qual já está excessivamente internalizado nas mentes das pessoas. Uma das características do videoarte é não seguir uma continuidade, típica dos cinemas e telenovelas, é prevalecer essa atitude dispersiva e autônoma por parte do público. Para ver e perceber um videoarte, não é necessário vê-lo por inteiro, mas em cortes. Como diz, Arlindo Machado: "É como se fosse um quadro, ao qual cada um dedica o tempo e a atenção que seu interesse determina". (MACHADO, 1990, p. 76)

3 - PAISAGEM

3.1 - A CRIAÇÃO DA PAISAGEM NA SOCIEDADE

“Falar de paisagem é implicar a possibilidade de gozar o mundo através dos olhos, olhando-o.”

GÉRARD WAJCMAN *apud* KARINA DIAS, 2010, p.132

A paisagem é uma criação que começou a esboçar uma relação com a natureza, em meados do século 15 na Holanda e depois transitando pela Itália. A paisagem se tornaria um elemento constituinte nas pinturas, começando pelas formas vegetais nas molduras decorativas e, depois, se tornando presente, timidamente, como forma funcional representante nas pinturas, até chegar a ser o motivo principal de uma obra. Para se chegar a isso, foi preciso uma aceitação, já que, como diz Gérard Wajcman, a natureza era vista de uma janela, era como uma revelação ou desvio do olhar para a paisagem, cuja visualização se transformaria em uma descoberta das fronteiras do universo religioso para o profano, isso explica sua ausência e tímida aparição. (WAJCMAN *apud* DIAS, 2010, p.140)

A paisagem, termo que designa uma relação com a natureza, ou seria a natureza que designa a paisagem? O fato é que a paisagem é uma invenção do homem para evidenciar o meio natural, aquele mais próximo da natureza, em que conhecemos pelas árvores, rios, o céu azul e um grande horizonte onde possamos enxergar uma perspectiva das formas que nos levam a acreditar em um plano além dos nossos pés.

Segundo Anne Cauquelin, a paisagem está além da relação somente com a natureza, pois existe uma grande relação com o meio social, no qual convivemos diariamente:

A primeira e mais facilmente perceptível ampliação vem daquilo que parece mais próximo da paisagem: o meio ambiente físico. Desolado, degradado, poluído, sobrecarregado, ele clama por socorro imediato, saneamento e reabilitação. Como esse meio ambiente deplorável se apresenta sob a forma de paisagens igualmente desoladas, assistimos a uma identificação entre meio ambiente e

paisagem (CAUQUELIN, 2007, p.9)

Perceber a paisagem está muito mais além do contemplar, ação que se tornou pouco executada, é perceber as responsabilidades existentes diante dos problemas que surgem no meio habitável. Nota-se, que já não existe equilíbrio e harmonia como pensávamos, ou acreditamos, cegamente, que a harmonia natural significava a "bela paisagem". Portanto, o sinônimo para essa harmonia é admitir as circunstâncias. É uma preocupação vigente que leva a uma reflexão sobre a paisagem à natureza, como diz Anne Cauquelin:

Ecologia, ar puro e saúde rimam com natureza verde e animais protegidos. E essa constelação "em formas de paisagem" se estende às práticas urbanas, pelas quais as lixeiras também são verdes, diferentes para cada tipo de lixo e assépticas. Prática social, ela impõe prioritariamente aos paisagistas um amplo leque de obrigações singulares: despoluição e proteção, o que também significa classificação das espécies naturais e dos sítios. Assim como no caso de muitas outras profissões, aqui se assiste a uma mescla (CAUQUELIN, 2007, p.9).

Podemos encontrar no campo das artes visuais a *Land Art*, que prevalece a correspondência e quase-fusão da paisagem com a ecologia. É uma maneira dos artistas comporem e terem uma conexão direta com a natureza, utilizando os próprios recursos da natureza e dessa como local de exposição. A natureza nesse momento, recebe um outro olhar e perspectiva pela interação do artista com esse meio, transformando-a e ressignificando-a da seguinte forma, segundo Cauquelin:

Utilizando os recursos da arte da paisagem: focalização, dispersão e, novamente, concentração; a obra é a visão de um conjunto ordenador das categorias de espaço e de tempo. Paralelamente, eles transformam em obra a tentativa ética de devolver a terra a seu estado primeiro, subtraindo-a às devastações humanas por meio de certa disposição particular do sítio e no sítio. (CAUQUELIN, 2007, p.11)

A paisagem tem sua importância dada pela sua formação histórica e cultural, e sabe-se de que se serviria para representar de maneira naturalista ou idealizada a visão espacial de um determinado ambiente, seja natural ou urbano, prevalecendo elementos hierárquicos e composicionais para nossa imediata compreensão do motivo representado. É possível notar o uso de desenhos, gravuras, pinturas, fotografias e vídeos como linguagens para reproduzir essa manifestação em representar a natureza, o meio urbano ou fragmentos, que seriam um meio termo, a natureza em meio ao *locus* urbano ou o inverso. Essa mescla nos faz querer pensar que essa paisagem, sendo natural ou construída por intervenção humana (ação antrópica), pode assumir a aceitação

ou declaração da preferência pelos motivos naturais perante o homem.

Roberto Burle Marx diz que “Existem duas paisagens: a natural, existente, e a humanizada, construída. Esta última corresponde a todas as interferências impostas pela necessidade.” (MARX, 1987, p. 12)

Estamos diante de uma visão onde pouca importância é dada à contemplação para o nosso dia a dia, não olhamos por onde andamos, não temos total percepção do nosso caminho, somos dispersos por nossos pensamentos e preocupações que nos levam a nos enclausurarmos em nossas mentes, Burle Marx (1987), diz que estamos imersos em um casulo, onde não queremos ver ou conversar com o vizinho, mas somente ter um pouco de paz, sem sequer poder desfrutar da vida urbana.

O dinamismo e a crescente mobilidade social têm feito o homem querer conhecer e vislumbrar, cada vez mais, as distantes e as diferentes localidades. Com o avanço tecnológico possibilitando a visualização por meio da rede comunicativa de internet, as pessoas se sentem atraídas pelo diferente e não cotidiano. Essa atitude, positivamente, demonstra grande interesse em conhecer e apreender um lugar novo, só não se pode ignorar o interesse pela sua própria origem, desmerecendo seu lugar e as suas possibilidades ainda não reconhecidas. Milton Santos, fala dessa globalidade que alcança as pessoas e afeta os lugares, reduzindo os valores do seu lugar, quando se compara um com o outro, julgando a realidade de um perante o outro. Milton diz a respeito que: "Impõem-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano." (SANTOS, 2009, p. 315)

3.2 - A PAISAGEM NA PERSPECTIVA DO OLHAR

A perspectiva do nosso olhar é como um sonho. Esse sonho pode ser um desejo que nos faz bem ou mal, mas o mais relevante é que nos promove as sensações jamais esquecidas, pois faz lembrarmos de pensamentos e construções internas. Isso nos leva a crer que nossos desejos estão intimamente conectados ao nosso ser, aquele que começamos a ensejar desde as primeiras construções conectivas do nosso consciente.

A percepção da paisagem está intimamente ligada, muito das vezes, a um sentimento construído internamente, levando-nos a crer que existe muito mais além do privilegiar e do contemplar, mas ser contemplado, de participar, de fazer parte dessa

paisagem que nos leva para a nossa própria natureza, nossa origem, nosso lar inconsciente. Cauquelin fala dessa paisagem que nos resgata e nos conecta a natureza:

É que a paisagem já está ligada a emoções, a muitas infâncias, a muitos gestos e, parece, sempre realizados. Ligada a esse sonho sempre renascente da origem do mundo - ela teria sido "pura", de uma pureza na qual nos mantêm os édens e à qual retornamos, não obstante nosso saber. (CAUQUELIN, 2007, p.31)

Segundo Harold Osborne, na tradição de mais destaque na arte ocidental, a paisagem é vista de fora e o observador é convidado a olhar para fora e ver uma cena pintada como a de uma janela aberta. Mas há outro estilo, mais raro, que por assim dizer, traz o espectador à paisagem de modo que, à medida que a concentração aumenta e a sua absorção se torna mais completa, toda a sua percepção parece estar concentrada em um olho colocado centralmente dentro da cena pintada, que o rodeia e se estende em todas as direções em torno dele. Nesta experiência o senso de limitação imposto pela moldura do quadro pode ficar suspensa, e ele pode ter a sensação de que os céus e os panoramas se estendem infinitamente e sem limites em todas as direções (OSBORNE, 1970, p.164-165).

Segundo Maria Amelia Bulhões, a paisagem como categoria artística foi sempre fruto da subjetividade. Ela é produto cultural, impregnada de determinantes tecnológicos e sociais que expressam experiências de relações com o meio ambiente. É uma forma de relação com a natureza, uma maneira de olhar o mundo e de recriá-lo em uma dupla projeção, que envolve a estreita interação com determinados territórios e também a interferência deste na construção das subjetividades dos indivíduos que o habitam (BULHÕES, 2011, p.112).

3.3 - A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA

"*Ajanelar* o cotidiano é trazer à superfície da visão fragmentos de paisagem, talvez, longínquos e esquecidos, é desenvolver uma prática do banal que suscite o desejo de ver. É despertar a nossa visão quase sempre esquecida, colocando-a em movimento para olhar o habitual, (des)conhecer o (in)comum, olhá-lo novamente, uma vez mais..."

KARINA DIAS. 2010, p. 290

A paisagem contemporânea é a visão do que temos da nossa realidade, seja uma floresta, uma rua da cidade ou um jardim dentro dessa cidade. O que nos remete à paisagem são as características que remetem à própria vontade de perceber um espaço habitável. Esse lugar deve ser contemplado e experimentado pela sua importância espacial e social. Cada lugar tem uma aura específica, cada um conquista seu status, e somos nós que damos esse valor. É preciso contemplar e ser contemplado. Perceber e sentir que fazemos parte de um meio, que somos um só organismo e temos que zelar por esse.

À medida que os dias passam, nossa percepção da paisagem cotidiana fica cada vez menos apurada, já não percebemos ou enxergamos o lugar como antes, ela parece obscura e/ou distante, por não chamar mais atenção, e por isso a ignoramos. Para percebê-la é preciso que haja algo de diferente, e assim, possamos novamente atribuir-lhe valor, para essa que nos envolve a diferentes sentimentos e emoções diárias.

Perceber algo não uniforme é mais difícil do que perceber algo uniforme. De repente, é preciso apenas uma maior dedicação e atenção ao meio para se poder enxergar e perceber o diferente. Como diz Anne Cauquelin (2007, p. 104): "Para que eu tome consciência de que trata aqui de um projeto, de que essa paisagem é construída por sua definição, é preciso que algo manque, que algo deixe de ser evidente, que, de repente, uma perturbação se produza". Perceber que na cidade, essa paisagem está implícita em meio a nossa dispersão cotidiana é uma tarefa difícil, é preciso uma motivação para que possamos novamente contemplar, e assim, possamos permitir que esse lugar, essa paisagem, esteja de fato em nosso íntimo, como algo que nos pertence diante de nossas andanças diárias. Cauquelin reforça ao dizer que:

É assim que a falha faz aparecer o implícito em toda a sua extensão: a decepção faz nascer a aceitação global da coisa que se esperava. O choque da falha faz surgir um mundo que até então não se conhecia, descobre o horizonte que a coisa

ocultava: " Mas essa árvore não era uma floresta!" (CAUQUELIN, 2007, p. 104)

O que se pode encontrar na paisagem cotidiana são os motivos naturais que nos remetem diretamente à natureza, como os jardins e composições paisagísticas. Elas são capazes de nos hipnotizar pela sua beleza visual e o fato dela atrair pássaros e outros animais. A sua aura é distinta, ou seja, a sensação visual e sonora é bastante atrativa e convidativa. Anne Cauquelin fala desses jardins que remetem à natureza:

O Jardim não é um intermediário, um feto, ou um germe de paisagem, mas ele entrega, na forma da écloga, das bucólicas, da ode, os elementos da constituição do "campestre" - árvore, a gruta, a fonte, o prado, o outeiro, torrão ou talude, os animais e os instrumentos que complementam seu léxico próprio. Eles serão retomados na tradição medieval e seguem, até nossos dias, inseparáveis dos atributos que conferimos à natureza na forma de paisagem. Nós os encontramos nas artes contemporâneas da paisagem intocados. O jardim desenha uma das dobras da memória e ali permanece, ao lado da paisagem, como um modelo de naturalidade. (CAUQUELIN, 2007, p.66)

A existência da paisagem independe da natureza quando se trata do olhar de uma pessoa que vive em grandes cidades. A sua realidade é composta por uma visão, por exemplo, de prédios, carros e muito movimento diário de pessoas, diferente da calmaria das florestas. A experiência paisagística toma uma outra forma, não é necessário remeter somente à natureza para se enxergar e perceber a existência da paisagem, essa reside e acompanha a cada um diariamente, basta contemplar e apreendê-la. Karina Dias fala dessa paisagem cotidiana:

Evocá-la, então, na prática artística é curvar-se aos espaços do cotidiano, entrevedo, constantemente, as situações e os momentos em que esse espaço próximo, familiar, burocratizado, contínuo e rotineiro se torna visível, percebido e compreendido como uma experiência paisagística singular. (DIAS, 2010, p. 145)

Karina reitera sobre a percepção do cotidiano quando diz que a paisagem é uma situação que nos integra, é o meio que nos envolve a ver/sentir o espaço:

Desse lugar cambiante, em meio às coisas do mundo, não estaríamos mais simplesmente diante de uma paisagem, mas em uma *situ-ação*, em uma *situ-ação-em-paisagem*, em que o corpo e o espaço revelam presença e o alcance do olhar. Efêmera constatação que nos lembra que para ver a paisagem é preciso distanciar-se do habitual, retomar a falha, a fresta que aponta para longe, para outra margem que nos fará ver o (in)comum que está tão perto. (DIAS, 2010, p. 145-146)

4 - PROCESSO DE CRIAÇÃO

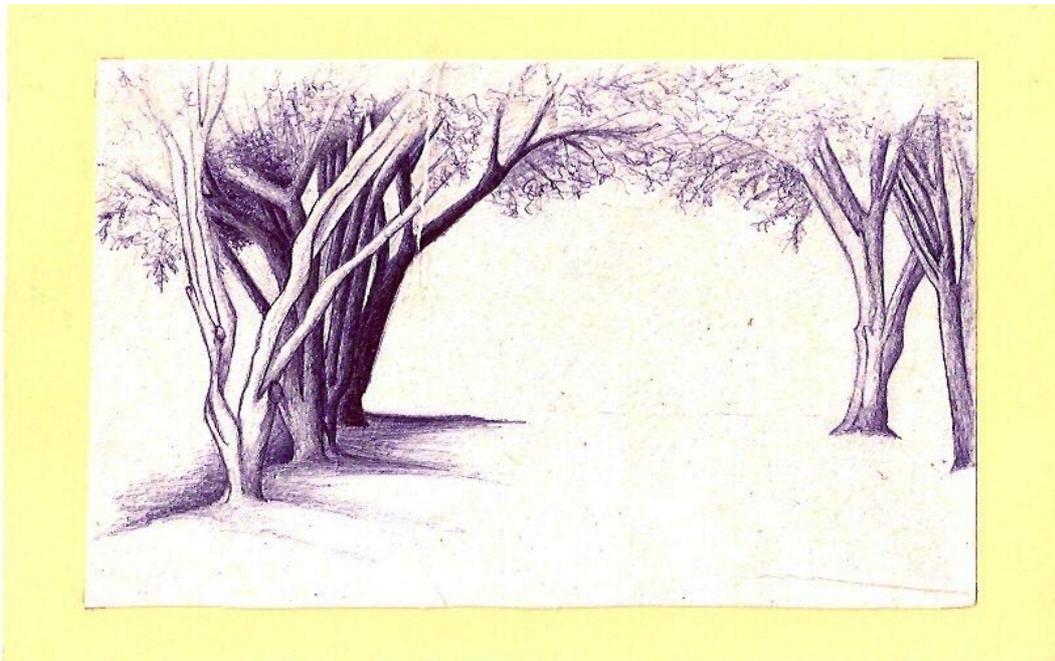
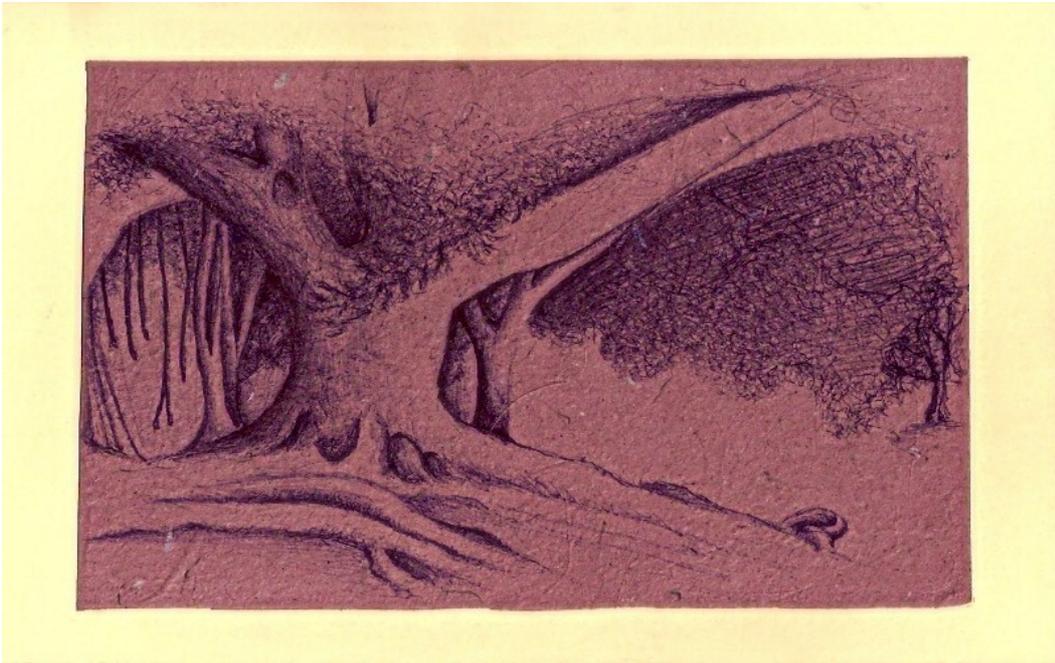
4.1 - PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS VISUAIS EM ATELIÊ

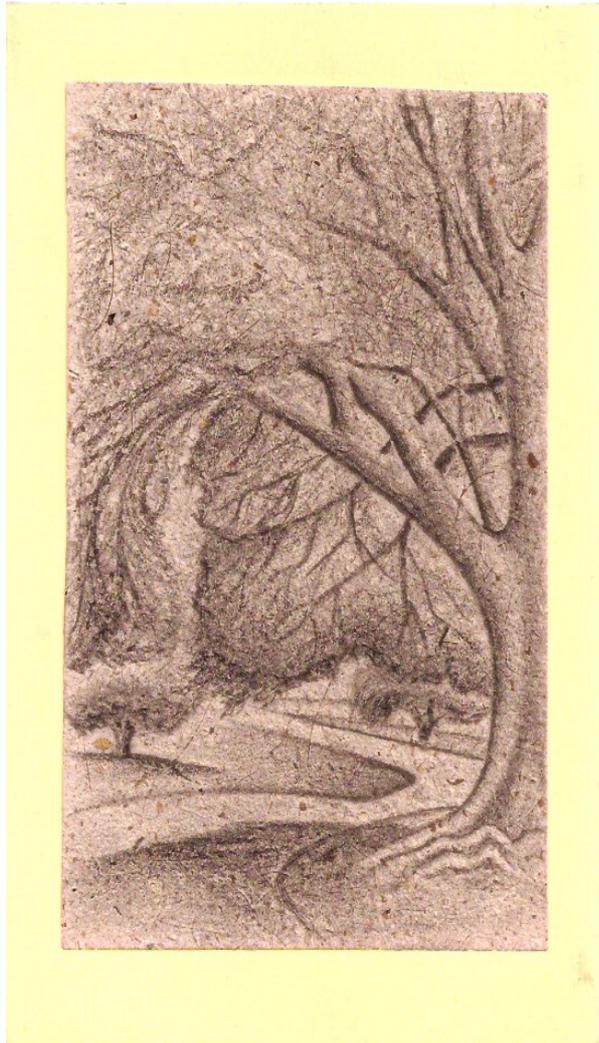
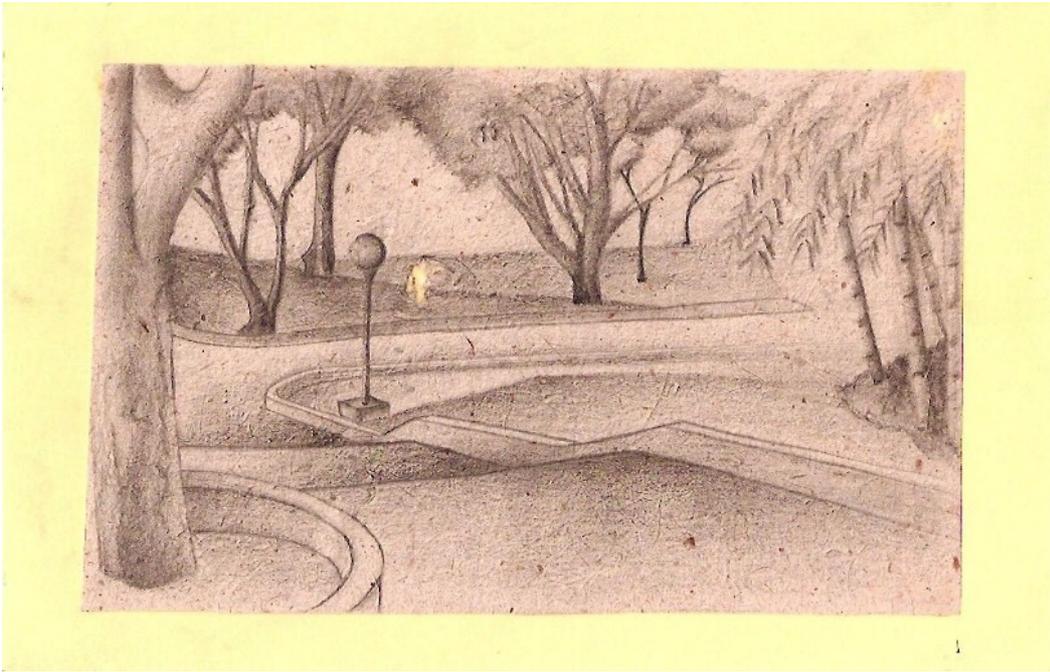
Ateliê 1

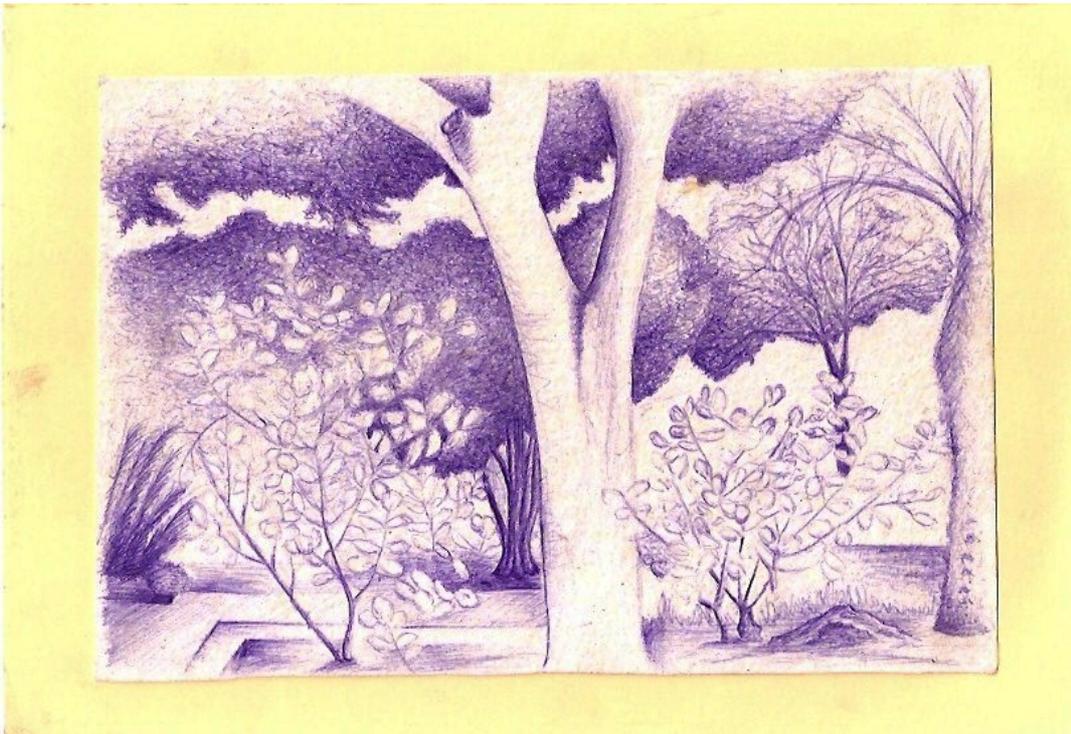
A proposta de trabalho prático nasceu a partir de minha relação com o conceito e prática com a paisagem do meu meio circundante. Paisagem essa, representando o meio natural e urbano, em que se revela um novo estado do conceito de retratar o meio ambiente, aquele no qual se está inserido e o qual prevalece como constante diária.

Começo com algumas experiências de desenhos e fotografias de paisagens, onde represento com o auxílio dos elementos constituintes da perspectiva paisagística, o meio que me rodeia diariamente. O diferencial em minhas paisagens era a ênfase no local, deixando evidente a ausência da figura humana. Essa ausência da figura humana fazia com que meu olhar se focasse apenas nos elementos compositivos da paisagem, para que não houvesse nenhuma distração ou desvio de valores na análise dos recursos elementares da paisagem. Para isso, o olhar deveria ser focado, apenas no observar a paisagem, para a qual a integração e o envolvimento do homem com a natureza ou com o meio urbano, ali representado, começasse a partir daquele momento de contemplação.

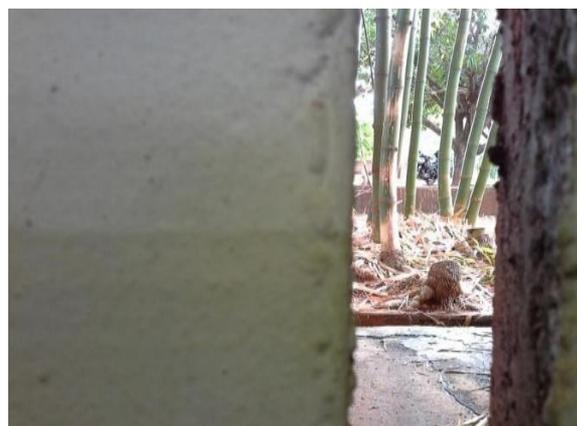
Produção de desenhos e fotografias de paisagens cotidianas

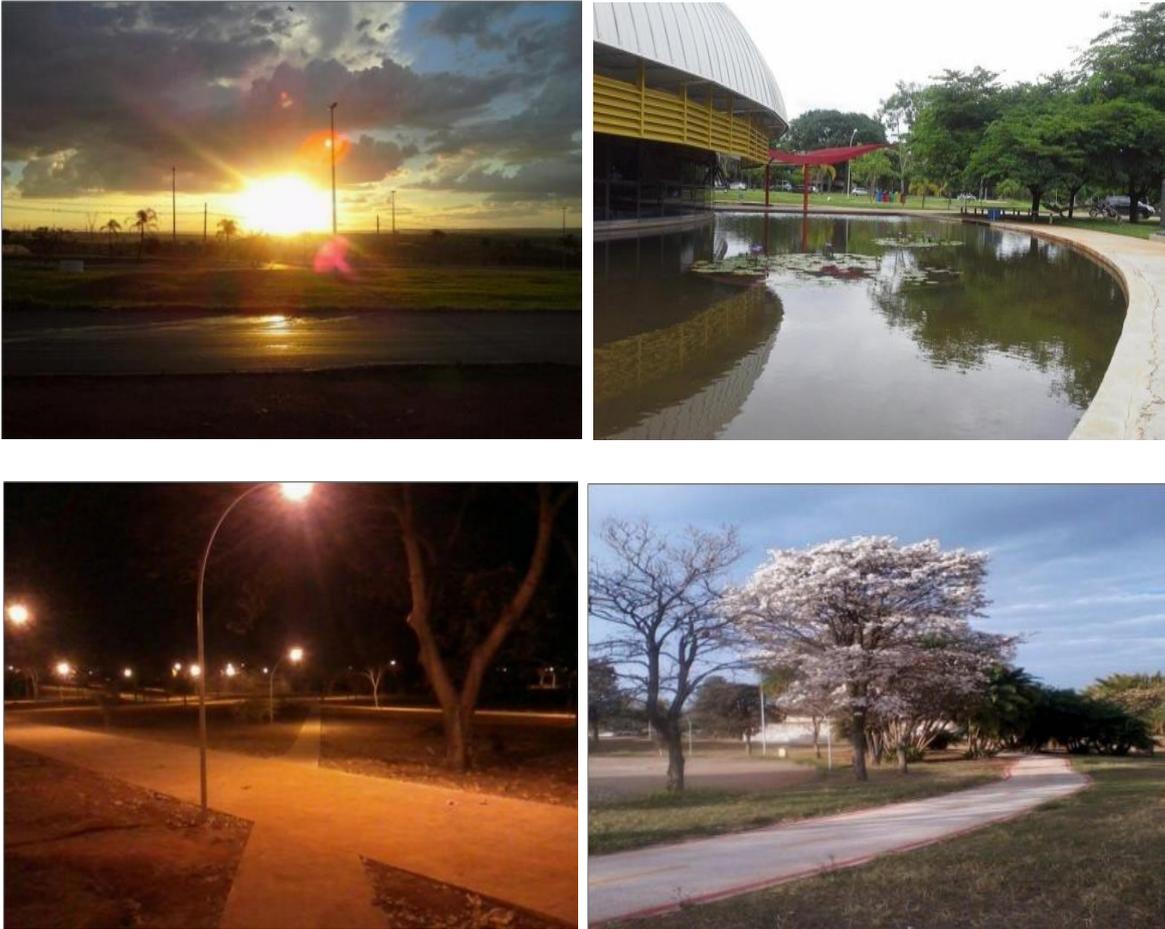






Imagens de 1 a 5. Desenhos de paisagens feitos utilizando variados materiais como: caneta, lápis 6b, pastel seco e outros.
Suporte: Papeis reciclados
2011





Imagens de 6 a 13. Fotografias de paisagens
Com dispositivos móveis
2012/2013

Prática poética

Comecei, depois das experiências com os desenhos e as fotografias, a produzir vídeos de paisagens. Esses vídeos eram feitos, em princípio, utilizando câmera de celular, com duração exata de um minuto cada, e prevalecendo a prerrogativa da ausência humana. Em questão de logística poética e condicional de suporte, resolvi fazer os vídeos utilizando a câmera de *tablet* de 10.1'. Apreciei a utilização do *tablet* como receptor dos meus vídeos, pois eles traziam certa sensibilidade pela recepção espontânea e precária do vídeo.

Essa minha produção fazia com que eu desbravasse, como numa pesquisa de campo, a procura de locais desertos e vazios perante a presença física humana, mas percebia e sentia fortemente a presença do homem através das construções, dos ruídos sonoros, e, ao mesmo tempo em paradoxo, percebia e sentia a presença da natureza

“gritando” por atenção.

Essa produção dos vídeos me fez perceber que isso poderia trazer várias questões relacionadas à reflexão da importância da paisagem, sua função e sua interação com a sociedade. Não me refiro apenas à paisagem natural, mas o meio urbano também, esse meio que em geral, se mescla com a natureza, seja de forma a integrar e ganhar espaço ou para ser rejeitada perante os problemas ambientais.

Surge então, a ideia de organizar os vídeos como proposta de videoarte, apresentando variados vídeos com duração exata ou em torno de 1 minuto cada, contendo diferentes paisagens do meio urbano e do meio natural, destacando-se a ausência humana como forma de evidenciar nosso olhar para esse lugar. Como ambiente carregado e construído sociologicamente, é desconstruído mentalmente quando observado pela sua gênese composicional na perspectiva da paisagem.

Quero poder, de maneira implícita e subjetiva, sensibilizar o olhar do fruidor. Terá este, a possibilidade de interagir com a obra, já que essa oferece a possibilidade do fruidor escolher os vídeos que quiser assistir. Poderá também, ouvir com o auxílio do fone de ouvido, os sons captados no momento do vídeo, trazendo mais sentido e complementaridade ao conceito de contemplação e envolvimento com a paisagem. Percebe-se neste momento que a contemplação passa bem além, de somente olhar, mas sentir, perceber, refletir, sonhar, seja qual for essa ordem, pois dará uma nova possibilidade para o fruidor/espectador diante desse universo que proponho nessa linguagem artística.

Nosso olhar é regido pela presença da memória, no qual podemos fazer associações ou imaginar e criar algo diante de uma nova situação. Olhar a paisagem e perceber a sua essência como algo não convencional, nos leva a acreditar que possamos ter uma percepção diferente do meio em que vivemos e, assim, possamos refletir e sonhar com novas possibilidades ou aquelas já esquecidas.

Montagem do videoarte



Imagens de 14 a 18

Ficha técnica:

BRUCE LOBO

Um minuto para observar/refletir/sonhar

2013

Videarte interativo - suporte de madeira, *tablet* 10,1" e fone de ouvido

Fotografias tiradas na pré abertura e na pós abertura da exposição *Atelier no SEUmuSEU Expoexperimento*. 2013

Museu Nacional da República - Brasília

Ateliê 2

O projeto trata da produção de um videoarte. Nesse videoarte foram abordados a poética e o objeto de estudo na paisagem urbana e natural do cotidiano. Essas paisagens são cenas do meu próprio cotidiano como estudante de Artes na Universidade de Brasília, e também os caminhos e cenas percorridos desde a minha residência na cidade de Samambaia até a capital, Brasília.

O videoarte como um todo é uma junção de vários vídeos individuais com duração por volta de 1 minuto cada. Cada vídeo representará uma cena de paisagem, evidenciando a exata ou quase ausência da figura humana, deixando em ênfase a paisagem em si, e assim, sobrepondo às vezes, o silêncio provocado pela ausência humana. Com isso, é possível deixar mais evidente os sons não percebidos quando há a influência direta de pessoas, e ao mesmo tempo, a paisagem ganha maior importância visual, tornando-se a protagonista do meio.

Para contrapor a essa diferença visual da paisagem pela ausência da figura humana, produzo vídeos na mesma perspectiva dos vídeos descritos anteriormente, mas com a contrapartida e a divergência de haver a presença da figura humana, sobrepondo assim, sua grande influência e presença visual perante o ambiente representado.

O tratamento da junção desses vídeos em um videoarte é um processo de observação e captura, que começa desde o desejo de representar a paisagem de um cotidiano particular, evidenciando todos os elementos físicos da paisagem, sobretudo, os elementos da natureza. Como propósito de captura dessa paisagem, será considerado e manipulado a princípio, a ausência da figura humana, objetivando reter o silêncio obtido pela ausência humana, dispensando a influência e carga física que essa presença do homem causa. Essa escolha parte do princípio de uma tentativa de anulação e a fragmentação da força atrativa visual e afetiva da presença física humana e a sua influência no meio ambiente.

Ao mesmo tempo em que haverá essa anulação e fragmentação da presença da figura humana, será proposta também a captura de vídeos das mesmas cenas de paisagens, mas evidenciando a presença da figura humana e sua influência ambiental direta e indireta. Direta, seria sua presença física, cuja forma e movimento recebe maior atenção e afeto perante o meio ambiente; e indireta, seria tudo que provem da

influência humana, como carros, objetos, lixo etc. A própria natureza em si, é singular, não tem dependência direta com o ser humano, ela tem sua importância e lugar absoluto, mas é evidente que sofre modificação do homem. Portanto, já não será vista como algo singular, no sentido virgem da natureza. Os elementos da natureza, por mais ornamental e condicionalmente antrópicos que sejam, nos remete e nos leva para o regozijo da paisagem, que permeia o estado físico e mental de pureza e serenidade.

A pretensão é experimentar essas possibilidades de se perceber as diferenças existentes perante as mesmas paisagens, colocando em voga reflexões que vão sendo levantadas, algumas como a importância de se perceber o meio que se habita, dar importância à natureza e a percepção da influência sobre esse meio como algo construtivo e/ou degenerativo. Não é objetivo fazer crítica direta, como quem não gosta da influência e interação do homem sobre o meio natural, tendo como consequência a criação de cidades, mas possibilitar maior atenção sobre o contemplar e perceber com sensibilidade o meio em que todos habitamos numa perspectiva de contemplação interativa e reflexiva da paisagem cotidiana.

A composição do videoarte será feita pela junção dos vídeos das paisagens que contêm a quase ou exata ausência da figura humana e será denominado e classificado como sendo o “vazio” no meio; e os vídeos das paisagens que contêm a presença da figura humana será denominado e classificado como sendo o “cheio” no meio.

A edição do videoarte será executada no programa Sony Vegas Pro 11 de edição profissional de vídeo e áudio, onde pouco se alterará dos vídeos originais, o que será feito pelo programa é a junção de todos os vídeos em um só. O diferencial do videoarte será a disposição desses vídeos, onde a cena de uma paisagem do “vazio” ficará do lado da mesma paisagem do “cheio”, dividindo assim a tela em dois vídeos com as mesmas paisagens, entretanto, com o diferencial do “cheio” e do “vazio” para que se possa estabelecer essa dicotomia e complementaridade visual e sonora e, ao mesmo tempo, a experiência de diferentes situações na execução dos vídeos.

Essa será uma forma de compor a poética e a construção do videoarte em estabelecer uma junção com divergência e complementaridade ao mesmo tempo, em que será absorvida essa dicotomia estética dos elementos constituintes em cada cena perante seu impacto residual do “cheio” e do “vazio” nas paisagens.

O objetivo principal é possibilitar a experiência de contemplar e perceber o

ambiente além do olhar para a paisagem como um desenho de observação ou uma fotografia, mas, ao mesmo tempo, poder observar e sentir as várias sensações que ela venha a proporcionar pela percepção da vitalidade, do movimento, da composição e dos sons captados. Todos esses elementos juntos serão fatores importantes para que sejam realçados nessa experiência do ver/perceber a paisagem na busca por reflexões que venham surgir nesse estudo da paisagem cotidiana, que habitamos mas não a absorvemos como um meio particular próximo e sedento de uma atenção como um lugar que tem uma aura e vida própria.

Prática poética

Trata-se de uma produção de videoarte que aborda como temática a paisagem cotidiana na poética da experiência do ver/perceber o “vazio” e o “cheio” nessas paisagens, possibilitando uma melhor percepção do observar o meio que se habita, percebendo o não perceptível por variados fatores conjuntos que constitui esse meio. Para deixar mais próximo ainda essa percepção, os vídeos revelam cenas do cotidiano, para que se possa analisar, embora, por mais próximo que sejam, alguns detalhes visuais e sonoros se tornam imperceptíveis em determinadas situações do dia a dia. O videoarte possibilitará essas diferentes sensações de imediato como uma experiência direta.

O conjunto do videoarte é a junção de 12 pares de cenas estáticas de diferentes paisagens, com duração de 11 minutos e 28 segundos, com áudio estéreo nas duas cenas, e com edição no controle e equilíbrio de volume. O videoarte é projetado com *datashow* na parede branca com extensão de áudio em fone de ouvido sendo transmitido em *looping*.





Imagens de 19 a 22. *Print* de algumas cenas do videoarte.

Ficha técnica:
BRUCE LOBO
O Vazio/Cheio nas Paisagens
Videoarte
Projeção
2014

O videoarte a seguir foi uma experiência a parte do planejado, mas seguiu a mesma perspectiva e temática de cenas de paisagens do cotidiano. Além de cenas estáticas, há também cenas em movimentos, de diferentes paisagens dispostas em miniatura. A medida que o tempo vai passando, em harmonia com a trilha sonora de Yann Tiersen, as cenas pequenas vão sendo substituídas e outras vão desaparecendo como numa fragmentação da tela inteira do vídeo. Essa fragmentação representa a perspectiva que temos durante um dia, cheio de afazeres; e a percepção que temos da paisagem do cotidiano que está ali, passando muitas vezes despercebida diante de nossos olhos.

O videoarte é uma junção de muitos vídeos de cenas de variadas paisagens cotidianas. Tem duração de 2 minutos e 27 segundos. É projetado na parede branca com áudio estéreo com extensão de fone de ouvido.



Imagem 23. *Print* do início do videoarte.

Ficha Técnica: BRUCE LOBO
 Minutos em perspectiva
 Videoarte
 Trilha de Yann Tiersen
 2014

4.2 - REFERÊNCIAS DE ARTISTAS

Bill Viola

A busca pelo não visível pela experiência do sensitivo é uma das possibilidades encontradas no artista Bill Viola, que, entre seus videoartes e videoinstalações deixa evidente essa busca pela revelação do território do invisível.

As suas cenas ou os seus ambientes criados para dar característica física em contraposição com o uso tecnológico do vídeo, permite proporcionar tanto para Viola quanto ao expectador, uma experiência limite da ordem de percepção do tempo, de si mesmo e do mundo a sua volta.

Em seus vídeos de paisagens, ele recria cenas, compondo com combinações de luz, com o efeito do calor e da temperatura ambiente. Suas paisagens se tornam quase pinturas pela sensibilidade de compor pela observação do ver além, possibilitados pela captação da câmera de fenômenos e efeitos naturais preexistentes (DANTAS, 1994).



Imagem 24

The Reflecting Pool
 Vídeo-arte
 (1977-1979)

Karina Dias

Karina procura proporcionar a experiência do olhar além daquele já pragmático rotineiro de se perceber determinados espaços, lugares cotidianos, possibilitando reflexões e uma nova interpretação do ver a paisagem cotidiana. Seus vídeos variam de espaço para espaço, buscando diferentes sensações que esses lugares venham a dispor pela contemplação mais ativa perante suas proposições imagéticas.

A artista intervém também na paisagem, na tentativa de demarcar um perímetro e sinalizar o nosso olhar com suas intervenções urbanas, incitando novas empatias espaciais nos passantes da cidade. Esta se revela a partir do momento que criamos laços com os lugares onde vivemos, diz Karina (DIAS, 2010).



Imagem 25
 Karina Dias
 Janela 1
 Videoarte
 2009 - Brasília



Imagem 26
 Karina Dias
 Seuil
 Videoarte
 2009

Bruce Nauman³

Artista mais conhecido pelos diversos usos de materiais e meios para criar suas instalações, esculturas e uma variedade de trabalhos baseados conceitualmente. Uma das características em seus trabalhos é o uso do jogo de palavras, falta de comunicação, espaços sociais e prática de estúdio.

Seu trabalho em videoarte se destaca pela relação entre o corpo do artista como protagonista e o espaço como um segundo ator. Percebo que, o que destaca em seus vídeos são as formas de se colocar diante de uma situação, na qual ele cria eventos de forma natural e simples, por haver uma linearidade na cena e a real captação dos sons do ambiente.

Em *Walking in an Exaggerated Manner around the Perimeter of a Square*, podemos perceber a sua performance delimitada em um espaço, no qual se cria um enquadramento de contemplação para uma situação criada por ele. O espectador é instigado a contemplar aqueles longos minutos sem interferência.



Imagem 27
Bruce Nauman
Walking in an Exaggerated Manner around the Perimeter of a Square
16mm filme, 10 minutos e 30 segundos
1967-68

³ Informações retiradas em: <<http://www.artnet.com/artists/bruce-nauman/biography>>

Nam June Paik⁴

Paik teve uma grande influência e um forte destaque profundo no impacto sobre a cultura midiática do século XX, sua carreira influenciou e testemunhou a redefinição do programa de televisão e a transformação do vídeo em forma de um artista.

Seu trabalho se destaca pelas suas performances, instalações, colaborações e desenvolvimento de novas ferramentas para artistas. Sua vida na arte surgiu a partir de movimentos políticos e antiarte dos anos 1950, 1960 e 1970. Durante esse período de mudança social e cultural, ele perseguiu uma missão determinada a combinar a capacidade de expressão e poder conceitual de desempenho com as novas possibilidades tecnológicas associadas com a imagem em movimento.

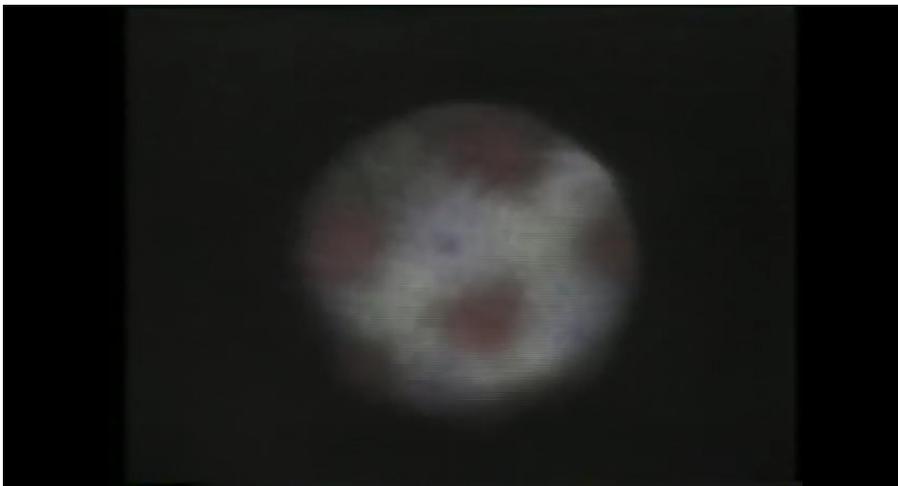
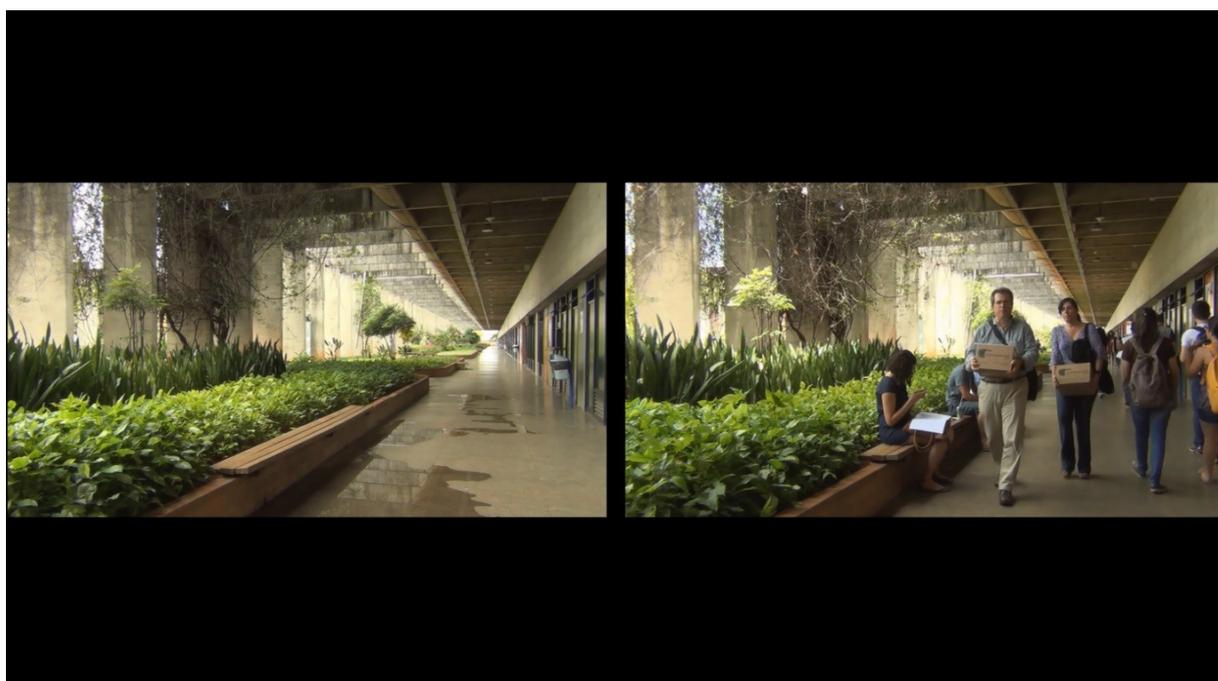


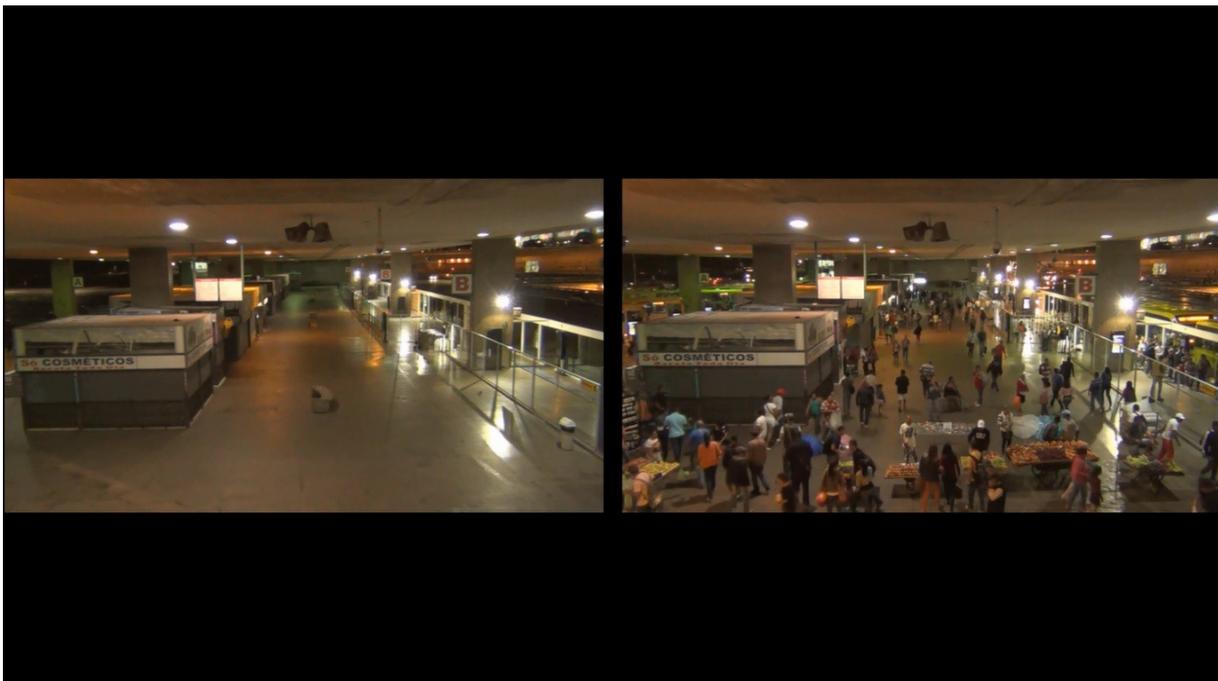
Imagem 28
Nam June Paik e Jud Yalkut
Electronic Moon n°2
1969

⁴ Informações retiradas em: <<http://www.paikstudios.com/#top>>

4.3 - A REALIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA POÉTICA

Para a diplomação, decidi continuar trabalhando e executando o videoarte, mas fui orientado a melhorar aspectos técnicos no registro das cenas, utilizando um tripé para ser ter melhor estabilidade na filmagem e na melhor angulação e posição, para deixar mais evidente a semelhança entre as duas cenas de paisagem. Portanto, continuarei com a proposta original desenvolvida em ateliê 2, o que será acrescentado além das correções técnicas, serão algumas cenas novas de paisagens.





Imagens de 29 a 32
Print do videoarte (seleção de algumas cenas)

BRUCE LOBO
Contempl(ação)|Contemp(lar)
Videoarte - projeção
10:52 minutos
2014

CONCLUSÃO

UMA PROPOSTA EM ASCENDÊNCIA

A experiência desenvolvida e aplicada na percepção da paisagem cotidiana, considerando o meu meio circundante como lugar de contemplação que merece um olhar mais crítico e reflexivo, serviu para que eu mesmo pudesse entender o meu lugar, o meu lar. Assim como, num ato de contemplar esse meu lugar, o meu lar, pude perceber a experiência de vivenciar um momento não usual do meu dia a dia, parar para observar os lugares que eu sempre passava, lugares memorizados e decorados na minha mente, mas se eu quisesse lembrar de um detalhe, não conseguiria, pois o lugar estava na minha visão, mas não na minha alma. O que eu via, não sentia, pois o que via era a mesma imagem, e parar para observar, foi possível criar na minha mente uma paisagem íntima, como as paisagens da minha infância.

É uma grande satisfação poder compartilhar dessa paisagem de lugares de passagens minhas e de muitas outras pessoas. A paisagem que proponho é a de lugares comuns, lugares que demonstram harmonia com a natureza e outros que demonstram a grande influência do homem sobre o meio. Acredito que posso fazer com que a minha paisagem seja vista com um olhar um pouco mais dedicado, percebendo que cada cena se trata de uma paisagem nova daquilo que já foi visto.

Quando proponho as duas cenas, em grande dimensão, quero que o fruidor do videoarte, se sinta acolhido e envolvido pela paisagem. Que ele possa enxergar mais do que um lugar familiar, mas possa sonhar, perceber, sentir de maneira subjetiva o que aquele lugar pode proporcionar naquele momento de contemplação. Esse ato de contemplação, e o ato que complementa a obra, a paisagem naquele momento recebe seu real valor, apesar de ser apenas um registro, ela será vista, refletida de uma outra forma.

Com essa experiência e outras, me sinto instigado a querer pesquisar e registrar mais a paisagem cotidiana e encontrar a poesia que nela existe para que ela possa se tornar uma paisagem, e não apenas um lugar de passagem. Pretendo, como futura pesquisa e prática, fazer experiências de salas com cenas de paisagens em tamanho real em relação a escala humana, para conseguir alcançar mais ainda a fenomenologia e a percepção sensitiva da paisagem. Quero poder questionar sobre a paisagem do nosso cotidiano, dos nossos sonhos, da nossa infância, dos nossos medos e das nossas alegrias. Qual será nossa

paisagem, qual será nossa motivação para contemplar, para olhar além, de forma a guardar e querer olhar novamente, querer recordar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SITES CONSULTADOS

Bruce Nauman. Disponível em: <<http://www.artnet.com/artists/bruce-nauman/biography>> (acesso em: 09 dezembro 2014)

BULHOES, Maria Amelia. **Web Arte e Poética do Território**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011. p. 202.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DANTAS, Marcelo. **Bill Viola - Território do Invisível**. Centro Cultural do Banco do Brasil – Rio de Janeiro, 1994.

DIAS, Karina. **Ente Visão e Invisão: Paisagem [Por uma experiência da paisagem no cotidiano]**. 1ª edição - Brasília - DF: Programa de Pós-graduação em Arte / Vis - UnB, 2010.

Dicionário Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Contemplar>> (acesso em: 09 dezembro 2014)

GALLAGHER, Ann. **STILL LIFE Natureza-Morta**. British Council. Sesi. USRMAC. 2004.

Karina Dias. Disponível em: <<http://www.karinadias.net/>> (acesso em: 05 Julho 2014)

KRAUSS. Rosalind E. **CAMINHOS DA ESCULTURA MODERNA**. Martins Fontes. São Paulo. 1998.

Linguagem Visual: Gestalt. 2013. Disponível em <<http://www.linguagemvisual.com.br/gestalt.php>> acesso em: 15 dezembro 2013.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. 2ª edição. Editora brasiliense: São Paulo. 1990, p. 227.

MARX, Roberto Burle. **Arte e Paisagem: conferências escolhidas**. Ed. Nobel: São Paulo, 1987. p. 103.

Nam June Paik. Disponível em: <<http://www.paikstudios.com/#top>> (acesso em: 09 dezembro 2014)

OSBORNE, Harold. **A apreciação da arte**. Editora Cultrix: São Paulo, 1970. p. 292.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª edição - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.